

Processos Colaborativos de Microintervenção no Espaço Urbano

Collaborative Processes of Microintervention in Urban Space

Procesos Colaborativos de Microintervención en el Espacio Urbano

*Suzany Rangel Ramos, Mestre em arquitetura, Universidade Vila Velha.
E-mail: suzany.r@hotmail.com*

*Larissa Leticia Andara Ramos, Doutora em Tecnologia e Projeto para a Qualidade Ambiental na Arquitetura e na Cidade, Universidade Vila Velha.
E-mail: larissa.ramos@uvv.br*

Resumo

O contexto de produção do espaço urbano contemporâneo aponta, além de um déficit de espaços públicos qualificados, a existência de espaços residuais e ociosos dentro das cidades. O presente trabalho traz como discussão as microintervensões urbanas colaborativas que, estimuladas pelo ativismo social e anseio pela qualificação dos espaços públicos, promovem transformações que transcendem o espaço físico. Nesse sentido, o trabalho discorre sobre o papel social dos projetos de microintervenção urbana, considerando o processo colaborativo que envolve diferentes atores sociais. Para tanto, a revisão bibliográfica aborda temas como a produção alternativa do espaço contemporâneo e a relação entre pessoa e espaço. A análise envolve dois estudos de casos, realizados nos municípios de Vila Velha e Vitória, estado do Espírito Santo, com o intuito de compreender as transformações no espaço público e o envolvimento dos atores sociais nos diferentes contextos. A pesquisa evidencia que as microintervensões urbanas promovem transformações socioespaciais significativas, principalmente em contextos fragilizados, na medida em que oferecem novas possibilidades de vivência e interação social. O envolvimento e o engajamento comunitário, em todas as etapas do processo, foram compreendidos

como diferencial para o resultado final das propostas e como resposta ao papel social das microintervenções.

Palavras-chave: Espaços Públicos; Papel social; Microintervenções; Urbanismo Tático; *Placemaking*.

Abstract

The context of contemporary urban space production points, in addition to a deficit of qualified public spaces, the existence of residual and idle spaces within cities. The present work discusses the collaborative urban microinterventions, which, stimulated by social activism and yearning for the qualification of public spaces, promote transformations that transcend the physical space. In this sense, the paper discusses the social role of urban microintervention projects, considering the collaborative process that involves different social actors. Therefore, the literature review addresses topics such as the alternative production of contemporary space and the relationship between person and space. The analysis involves two case studies, performed in the cities of Vila Velha and Vitória, state of Espírito Santo, in order to understand the transformations in the public space and the involvement of social actors in different contexts. The research shows that urban microinterventions promote significant socio-spatial transformations, especially in fragile contexts, as they offer new possibilities for living and social interaction. Community involvement and engagement, at all stages of the process, was understood as a differential for the final result of the proposals and as a response to the social role of microinterventions.

Keywords: Public Spaces; Social Role; Microinterventions; Tactical Urbanism; Placemaking

Resumen

El contexto de los puntos de producción del espacio urbano contemporáneo, además de un déficit de espacios públicos calificados, la existencia de espacios residuales e inactivos dentro de las ciudades. El presente trabajo discute las microintervenciones urbanas colaborativas, que, estimuladas por el activismo social y el anhelo por la calificación de los espacios públicos, promueven transformaciones que trascienden el espacio físico. En este sentido, el trabajo discute el papel social de los proyectos de microintervención urbana, considerando el proceso de colaboración que involucra a diferentes actores sociales. Con este fin, la revisión de la literatura aborda temas como la producción alternativa del espacio contemporáneo y la relación entre persona y espacio. El análisis involucra dos estudios de caso, realizados en las ciudades de Vila Velha y Vitória, estado de Espírito Santo, con el fin de comprender las transformaciones en el espacio público y la participación de los actores sociales en diferentes contextos. La investigación muestra que las microintervenciones urbanas promueven transformaciones socioespaciales significativas, especialmente en contextos frágiles, ya que ofrecen nuevas posibilidades para la vida y la interacción social. La participación y el compromiso de la comunidad, en todas las etapas del proceso, se entendió como un diferencial para el resultado final de las propuestas y como una respuesta al papel social de las microintervenciones.

Palabras-clave: Espacios Públicos; Papel Social; Microintervenciones; Urbanismo Tático; *Placemaking*.

INTRODUÇÃO

A configuração fragmentada do tecido urbano e o contexto social, político e econômico que caracterizam a cidade contemporânea, apontam uma mudança na forma das pessoas se relacionarem com os espaços públicos urbanos. Tendo em vista um cenário de produção capitalista, em que os espaços públicos são substituídos por espaços edificados, discute-se, neste trabalho, a importância da reconquista destes em prol do bem coletivo.

A necessidade pela retomada da função tradicional dos espaços públicos de promover o convívio e a interação social estimula os ativistas e as organizações sociais a mobilizarem a sociedade civil e demais atores sociais para o desenvolvimento de práticas alternativas de transformação do espaço urbano.

Neste trabalho, essas práticas são denominadas “microintervenções urbanas colaborativas”, entendendo que são intervenções realizadas na microescala do planejamento urbano, em espaços residuais e ociosos com grande potencial de transformação, além de envolverem diferentes atores sociais num processo colaborativo.

Essas intervenções refletem uma preocupação com a vida coletiva urbana, na qual os próprios usuários se organizam para transformar e qualificar os espaços públicos a fim de tornarem lugares aptos à apropriação, encontros e trocas sociais. São intervenções que visam atender uma demanda urgente da população que, no cenário atual, não consegue ser suprida pelos espaços genéricos produzidos pelo planejamento urbano convencional.

A partir desse contexto, o presente trabalho¹ tem como objetivo discorrer sobre o papel social dos projetos de microintervenção urbana, considerando o processo colaborativo que envolve diferentes atores sociais. O trabalho evidencia dois estudos de casos, realizados nos municípios de Vila Velha e Vitória, no estado do Espírito Santo, a fim de compreender as transformações socioespaciais e as contribuições dos diferentes atores sociais envolvidos no processo, evidenciando a diferença de contextos em que se aplicam.

Trata-se de uma pesquisa de natureza aplicada e de abordagem qualitativa com objeto de análise como fonte direta para coleta de dados e interpretação dos resultados. A pesquisa tem como recorte de análise os municípios de Vila Velha e Vitória, situados no litoral do estado do Espírito Santo, que fazem parte da Região Metropolitana da Grande Vitória.

A etapa inicial da pesquisa, destinada à fundamentação teórica, foi realizada por meio de uma revisão bibliográfica relacionada aos seguintes temas: a) relação entre pessoa e espaço, tendo como referência principal os autores Tuan (1983), e Cavalcante e Elali (2011); b) produção alternativa do espaço urbano, evidenciando os conceitos de Lydon et al. (2011) sobre o Urbanismo Tático e *Project for Public*

1 Este trabalho é parte da dissertação de mestrado “A cidade humanizada e as microintervenções urbanas colaborativas”, apresentado ao Programa de Pós-Graduação X da Universidade X, com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (FAPES – PROCAP MESTRADO).

Space - PPS (2018) sobre o *Placemaking*; e c) atores sociais, discutido por Santos (1958) e Dagnino (2002).

A segunda fase da pesquisa destinou-se a identificação e mapeamento das Microintervenções Urbanas Colaborativas realizadas nos municípios de Vila Velha e Vitória, nos últimos três anos, que foram correlacionadas com dados socioeconômicos de densidade demográfica e renda *per capita* dos bairros, extraídos do Censo Demográfico do IBGE (2010). Os mapas foram desenvolvidos com o auxílio do Sistema de Informação Geográfica (SIG), um *software* de geoprocessamento chamado ArcGIS (versão 10.5).

Para o estudo de caso, foram delimitadas duas microintervenções, uma em cada município: o “Oásis”, no bairro São Benedito, em Vitória, e o “Espaço Multicultural”, em Itapuã, Vila Velha, entendendo que são referências práticas pela consistência do processo, pelo envolvimento dos atores sociais e por serem propostas de caráter permanente de transformação do espaço.

Foram analisados os processos colaborativos, principalmente no que diz respeito aos atores envolvidos e às etapas metodológicas para construção dos projetos, além dos resultados obtidos com as transformações em cada contexto. Para isso, foram interpretados documentos e registros dos processos, bem como realizadas entrevistas com representantes da sociedade civil, poder público, iniciativa privada e especialistas que participaram das propostas.

A RELAÇÃO PESSOA-ESPAÇO NA CIDADE CONTEMPORÂNEA

A produção contemporânea do espaço urbano reflete a importância do bom relacionamento entre as pessoas, os espaços em que vivenciam e o quanto isso interfere na qualidade de vida em meio urbano. Desse modo, na sequência, são apresentados conceitos fundamentais para a discussões acerca do papel social dos projetos de microintervenção urbana.

De acordo com Lefebvre (2001), a cidade se transforma e depende, dentre muitos fatores – sociais, econômicos e políticos –, das relações diretas entre as pessoas e seus espaços de interação. A cidade é a projeção da sociedade sobre um local e se manifesta duplamente por meio de seus aspectos materiais e sociais. Por isso, a importância da produção de espaços que sustentem essa interação, entre os diferentes grupos sociais, e abriguem a complexidade dessas relações.

Tuan (1983) afirma que o ser humano precisa de espaços qualificados para experienciar sua existência. Segundo o autor, a experiência é a capacidade de aprender a partir da vivência num determinado espaço, o que depende das percepções simbólicas e sensoriais de cada indivíduo. Essa experiência depende da intensidade com que se manifesta a relação pessoa-espaço e, por isso, demanda tempo. Trazendo essa reflexão para a cidade contemporânea, entende-se que as pessoas têm dificuldade de se relacionar com os espaços públicos e criar raízes, justamente porque seu ritmo de vida não permite experiências prolongadas.

Outro conceito importante é o apego ao lugar que, segundo Cavalcante e Elali (2011), está associado aos significados simbólicos e afetivos compreendidos pelos

indivíduos. O apego ao lugar gera pertencimento, na medida em que a pessoa se apropria e cria raízes num determinado espaço. É considerado, portanto, um vínculo positivo com o espaço.

Entretanto, na cidade contemporânea, a produção dos espaços públicos aponta para caminhos contrários. Augé (1994) apresenta o cenário com a expressão “não-lugares” que, segundo o autor, são espaços com grande poder de atração, mas que não despertam nenhum tipo de experiência afetiva e identidade, visto que seus usuários estão apenas de passagem. Koolhaas (2014) também contribui para a discussão trazendo o conceito de “cidade genérica”, caracterizada por ser uma estrutura superficial, estática, sem história e escassa de sentido e simbologia.

No contexto das microintervenções urbanas colaborativas, o pertencimento, a identidade, o apego ao lugar, as simbologias e as experiências são indicadores importantes a serem considerados durante todo o processo de concepção dos projetos. A população, seja ela moradora ou itinerante, tem suas relações de afeto com o espaço, e, dessa forma, anseia por espaços que acolham suas sensações.

As ações de microintervenção visam estreitar o relacionamento da pessoa com o espaço, que se mostra fragilizado no contexto de produção contemporânea do espaço devido a reprodução de modelos padronizados. Os projetos propõem transformações que revelam a personalidade dos grupos envolvidos no processo colaborativo e reforçam a noção de comunidade.

MICROINTERVENÇÕES URBANAS NA CIDADE CONTEMPORÂNEA

As microintervenções urbanas colaborativas surgem da necessidade de superar os desafios da cidade que não conseguem ser respondidos por meio do macroplanejamento urbano e dos grandes projetos de intervenção a longo prazo, gerenciados pelo poder público. Segundo Jacques (2011), as microintervenções urbanas colaborativas funcionam como microrresistências e têm como objetivo construir novas experiências urbanas e vivências que não são possibilitadas pelos espaços homogeneizados e genéricos implantados pelo poder público.

Cymbalista (2016) evidencia que grupos e organizações da sociedade civil passaram a assumir a responsabilidade e o direito de intervir nos espaços coletivos e a viabilizar as transformações. As intervenções são realizadas por meio de ações e eventos efêmeros, instalações temporárias e outras práticas que permitam o envolvimento e participação comunitária.

Nesse sentido, o Urbanismo Tático funciona como uma resposta à necessidade de transformação. Essa prática se destaca por constituir um microplanejamento estratégico e sugerir novas perspectivas acerca das questões urbanas. Segundo Lydon et al. (2011), é uma abordagem de ativação do espaço que age por meio de intervenções de baixo custo e rápida execução, funcionando como um teste para projetos maiores. É realizada num processo colaborativo entre governos, empresas, organizações e cidadão e estimula o potencial criativo e a interação social.

De acordo com Brenner (2016), não é uma abordagem que disponibiliza estratégias padronizadas. As possibilidades táticas são emergentes e podem ser

interpretadas e aplicadas de forma provisória e experimental na cidade, de acordo com o contexto em que se insere, para enfrentar os problemas urbanos locais.

Somado a essa ferramenta de desenho urbano, o *Placemaking* possui como objetivo a transformação do espaço urbano em pequena escala e, com isso, estimular mudanças maiores e permanentes. Além de intervenções físicas, o foco do processo é a participação comunitária, o planejamento e a gestão, unindo as pessoas em torno de uma visão ampla sobre o espaço.

Segundo a PPS (2018), a funcionalidade do espaço supera a sua forma e as pessoas são o maior recurso utilizado nas intervenções. Essa forma de intervenção permite que as pessoas criem vínculos estreitos com os espaços por meio da interação com outras pessoas, reforçando a ideia de que a coletividade e o compartilhamento criam identidade e fortalecem a evolução de qualidades espaciais.

Ainda sobre o *Placemaking*, vale destacar que essa é uma abordagem centrada na conexão entre pessoas e lugares, em que o espaço urbano é moldado coletivamente, de acordo com valores comuns, e envolve atividades que sustentam sua transformação física (CONEXÃO CULTURAL, 2016).

Quando aliados, o Urbanismo Tático e o *Placemaking* são capazes de transformar o espaço público tanto na esfera espacial (física) quanto social (atividades), importantes para o fortalecimento das comunidades. As intervenções pautadas nesses conceitos são capazes de garantir espaços diversos e multifuncionais, por meio de pequenas modificações que estimulam diferentes formas de apropriação.

Atores sociais do processo colaborativo

A partir da pesquisa teórica sobre as microintervenções urbanas colaborativas, identifica-se a presença ativa de alguns atores sociais nos processos de planejamento, projeto, gestão e execução dessas práticas, sendo, portanto, necessária a compreensão do seu papel e da contribuição desses atores durante todo o processo.

Dessa forma, parte-se da visão de Santos (1958) de que a sociedade é composta por grupos sociais e estes são agentes de desenvolvimento urbano. O autor distingue os atores sociais em três grupos: o governo (tratado neste trabalho como poder público), as empresas (iniciativa privada) e a população (sociedade civil).

Segundo Santos (1958), para que a cidade funcione é preciso que esses grupos compreendam seus papéis e os cumpram, acompanhando as consequências das transformações urbanas. O poder público possui a função de fazer cumprir a lei a iniciativa privada disponibiliza recursos financeiros para aplicar nas transformações e a sociedade civil deve assegurar seus direitos. Dessa forma, a cidade funciona de forma equilibrada, atendendo as diversas demandas sociais.

O processo de transformação do espaço urbano depende da constante interação entre esses grupos e os espaços, e cada um deles projeta sobre a cidade, considerando suas diferentes visões e interesses (NYGAARD, 2010). Por isso, para

que o sentido coletivo da vida urbana não se perca, é necessário um processo de cooperação e colaboração mútua.

Dagnino (2002) afirma que a convivência entre os atores socialmente diferentes promove o aprendizado do reconhecimento dos direitos do outro e reforça que o conflito faz parte de um processo democrático legítimo. No caso das microintervenções, essa colaboração é fundamental para que as demandas sejam atendidas de forma equilibrada, para que os conflitos de interesse não superem a iniciativa e nem prejudique a transformação do espaço e, também, para que as decisões sejam consensuais.

O cenário recente das microintervenções aponta certa limitação em relação ao envolvimento efetivo e ao equilíbrio entre as funções dos atores sociais, principalmente no que diz respeito à contribuição do poder público. Segundo Rosa (2011), essa é uma relação complexa, pois a agenda pública ainda é limitada acerca do tema, sendo uma novidade para o planejamento urbano convencional.

Andrade e Linke (2016) reforçam a baixa eficácia do poder público sobre o tema, porém ressaltam o surgimento de um novo modo de governança urbana dedicada à gestão do espaço público transformado pelo ativismo social no Brasil.

A sociedade civil conta com a ajuda de organizações e ativistas que conseguem mediar de forma mais coordenada essas interrelações entre os diferentes atores sociais. E, com relação à iniciativa privada, a atuação de forma não comercial ainda é uma questão no contexto das microintervenções.

MICROINTERVENÇÕES NOS MUNICÍPIOS DE VILA VELHA E VITÓRIA - ES

Os municípios de Vila Velha e Vitória (capital), estudados neste trabalho, estão localizados no litoral do estado do Espírito Santo e fazem parte da Região Metropolitana da Grande Vitória (RMGV). Para compreender o cenário das microintervenções nos dois municípios, primeiramente, foi necessária a identificação e o mapeamento dos casos, de modo a compreender a distribuição socioespacial das microintervenções no contexto urbano. Em seguida, foram analisados dois estudos de caso, um em cada município, de modo a evidenciar o envolvimento dos atores sociais e das transformações espaciais ocorridas em cada contexto.

IDENTIFICAÇÃO E MAPEAMENTO DAS MICROINTERVENÇÕES

Na cidade de Vitória, foram mapeadas nove propostas das microintervenções, dentre elas, sete fazem parte do “Território do Bem”, concentradas em áreas elevadas da cidade. O “Território do Bem” trata-se de uma região composta por oito bairros que se articulam por meio de um fórum de moradores para solucionar as demandas comunitárias locais. Já no município de Vila Velha, foram identificadas e mapeadas apenas quatro microintervenções. Tais práticas estão concentradas na Regional Central do município, de maior renda *per capita*. Em sua

maioria, foram organizadas por empresas ou instituições privadas e tiveram apoio da comunidade local.

Conforme ilustrado nos mapas das Figuras 1 e 2, que consideram o contexto socioeconômico em que as microintervenções estão inseridas, pode-se observar que, no município de Vitória, tais práticas criativas apresentam-se com maior frequência em bairros de alta densidade populacional (superiores a 100 hab/km²) e renda mais baixa, inferiores a três salários mínimos.

Além de serem bairros periféricos, possuem relevo acentuado e um cenário de problemas socioeconômicos latentes. Nesses contextos, as microintervenções funcionam como sinal de resistência, a fim de que o poder público consiga visualizar o potencial para criação de espaços livres de uso público formais e permanentes. A falta de investimentos públicos em serviços básicos e, principalmente, em infraestrutura de qualidade, faz com que a população dessas comunidades seja bastante articulada e engajada em prol da qualificação dos bens de interesse coletivo.

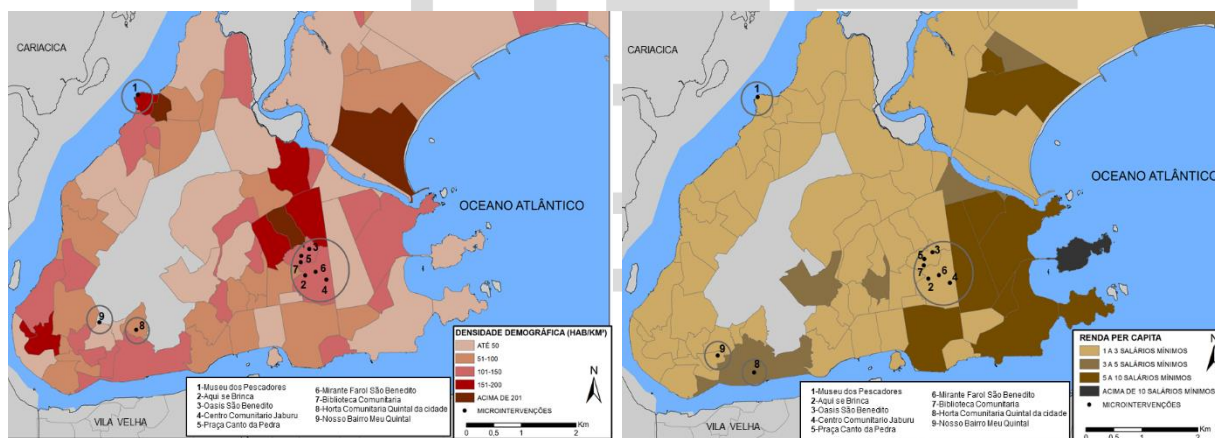


Figura 1: Mapeamento das microintervenções urbanas colaborativas do município de Vitória, ES no contexto socioeconômico – densidade demográfica. Fonte: Elaborado pelas autoras com o auxílio do software ArgGis, 2020.

Figura 2: Mapeamento das microintervenções urbanas colaborativas do município de Vitória, ES no contexto socioeconômico – renda per capita. Fonte: Elaborado pelas autoras com o auxílio do software ArgGis, 2020.

No município de Vila velha, ao analisar o contexto socioeconômico em que tais intervenções estão inseridas, observa-se que, na cidade, as intervenções encontram-se em bairros de alta densidade (superior a 100 hab/km²) e também alta renda *per capita* (Figuras 3 e 4).

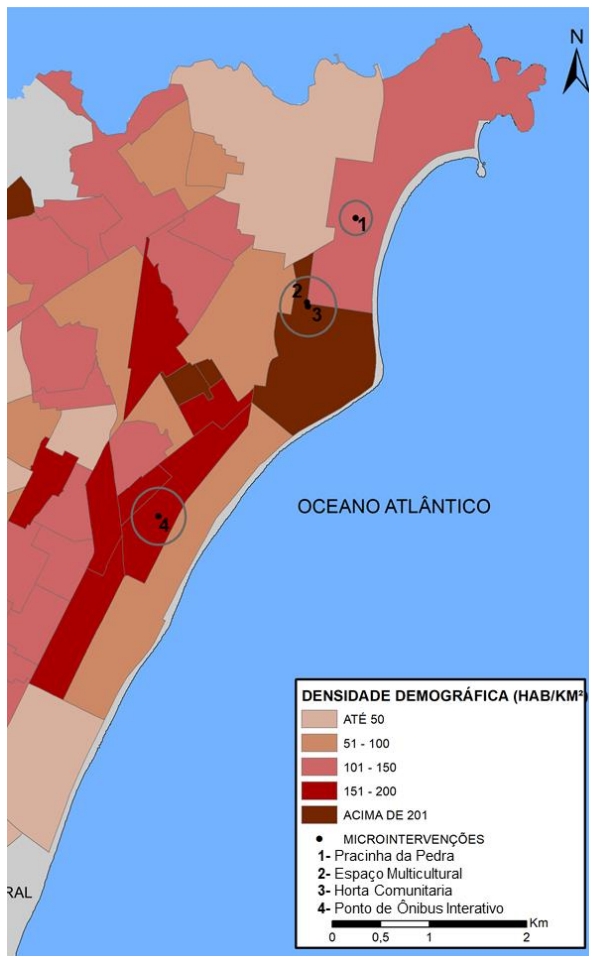


Figura 3: Microintervenções urbanas colaborativas do município de Vila Velha, ES, no contexto socioeconômico – densidade demográfica. Fonte: Elaborado pelas autoras com o auxílio do software ArgGis, 2020.

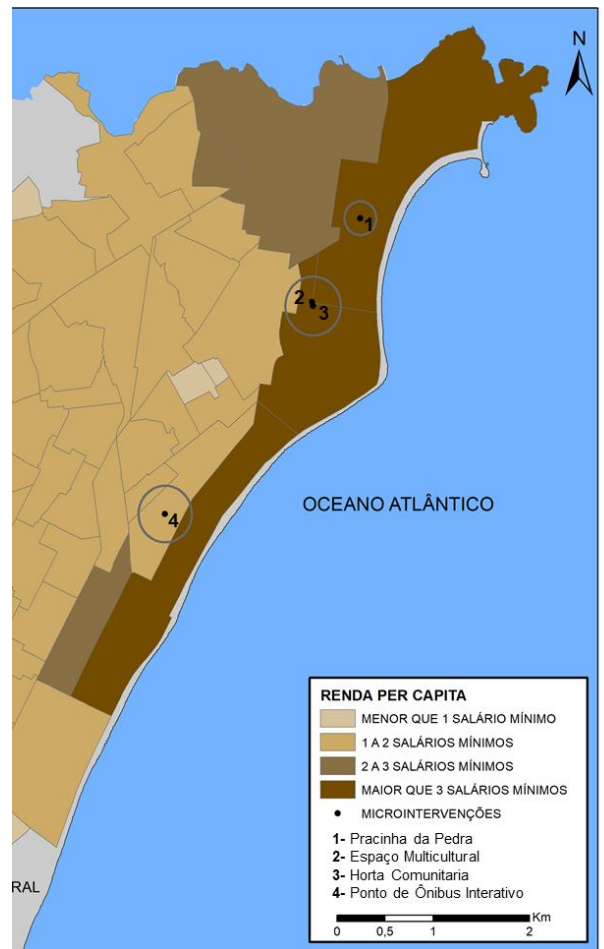


Figura 4: Microintervenções urbanas colaborativas do município de Vila Velha, ES, no contexto socioeconômico – renda per capita. Fonte: Elaborado pelas autoras com o auxílio do software ArgGis, 2020.

ANÁLISE DAS MICROINTERVENÇÕES

Para dar continuidade e aprofundamento ao tema, selecionou-se um caso em cada município, a fim de analisar as transformações e o envolvimento dos diferentes atores sociais em cada um dos contextos. Em Vitória, a microintervenção estudada foi o Oásis, no bairro São Benedito. Em Vila Velha, o Espaço Multicultural, no bairro Itapuã.

A microintervenção “Oásis”, em São Benedito – Vitória (Figura 5), é fruto de um longo e continuado processo de transformação de um terreno privado, ocioso, que foi identificado como potencial no bairro em 2011 por meio de pesquisas e fóruns comunitários da região. Desde então, o terreno, cedido à comunidade, vem recebendo ações de requalificação.

As ações, sempre com iniciativa comunitária, recebem auxílio de organizações e movimentos sociais, além de profissionais da arquitetura e urbanismo que

desempenham um importante papel no gerenciamento dos processos. Nesse caso, a mobilização também alcança a iniciativa privada, que atua por meio de programas de voluntariado e financiamento, e o poder público, por meio dos editais de financiamento.



Figura 5: Oásis, São Benedito, Vitória – ES. Fonte: Palete Parque, 2018.

A microintervenção “Espaço Multicultural”, em Itapuã – Vila Velha (Figura 6), apesar de possuir um contexto socioespacial totalmente diferente, teve como referência os processos desenvolvidos em São Benedito, principalmente com relação à metodologia aplicada e às organizações envolvidas no gerenciamento das propostas. Foi uma intervenção iniciada por uma empresa privada que atua no estado, sendo parte do programa de relacionamento com a comunidade desenvolvido pela empresa.



Figura 6: Espaço Multicultural, Itapuã, Vila Velha – ES. Fonte: Acervo da autora, 2019.

Os dois casos de microintervenção são em espaços que já possuíam algum tipo de apropriação anterior pela comunidade local e, por isso, foram vistos como potencial para possíveis novas transformações de qualificação e humanização. São espaços com demandas reais da população, fato considerado essencial para ativar o sentimento de pertencimento, identidade e responsabilidade socioespacial.

As microintervensões “Oásis e “Espaço Multicultural” foram realizadas a partir de um processo colaborativo que envolveu a sociedade civil, o poder público e a iniciativa privada. Entretanto, a pesquisa revelou um quarto ator social para a discussão: os especialistas (arquitetos e urbanistas), que se mostram indispensáveis na coordenação e gerenciamento dos projetos. No contexto dos municípios estudados, são representados pela atuação dos escritórios de intervenção urbana “Paleta Parque”² e “Cidade Quintal”,³ que trabalham com processos criativos e participativos de intervenção na cidade.

Os processos de microintervenção são pautados numa metodologia interdisciplinar, que reúne visões diversificadas sobre os assuntos que regem o espaço urbano, por meio de um processo de escuta e imersão para a compreensão do contexto e levantamento de dados que facilitam o desenvolvimento das propostas. Esse processo também promove oficinas para a concepção das propostas e mutirões para execução dos projetos, sempre integrando a comunidade local e demais envolvidos.

O contexto socioespacial ao qual as microintervensões se inserem, principalmente no que diz respeito a classe social, mostrou um fator determinante para o desenvolvimento dos processos e para a apropriação final das intervenções. É nítido que o empenho e a produtividade dos voluntários em um contexto mais carente são mais efetivos que num contexto de classe média-alta.

Na microintervenção realizada no bairro São Benedito, em Vitória, que representa a comunidade de baixa renda, os moradores locais já possuíam uma organização estruturada em prol do bem coletivo e isso facilitou a organização e a realização dos mutirões. A articulação dos líderes comunitários e representantes de associações nesse caso também se mostrou fundamental.

Ao contrário, em Itapuã, no município de Vila Velha, se insere num contexto predominante de classe média alta. Os movimentos e organizações sociais, apesar de estarem presentes no processo, não foram tão efetivos na mobilização da população. Um agravante nesse cenário foi a existência de duas classes sociais conflitantes, o que reduziu o índice de participação popular no processo. O fato de a intervenção ter partido de uma iniciativa privada e não da própria comunidade, também foi entendido como um ponto negativo para o

2 O coletivo Paleta Parque possui uma política de processo participativo com instituições públicas, privadas com os moradores e líderes comunitários, trazendo um planejamento urbano simplificado e se importando em levar o pertencimento aos moradores das intervenções que são em pequena escala e a maioria delas são temporárias e com um baixo custo econômico.

3 O Cidade Quintal é um escritório de projetos que busca trazer intervenções que modificam os espaços por meio da arte, de pintura urbana, procurando potencializar e qualificar lugares. Eles executam por meio de abordagens e metodologias participativas a fim de criar uma relação entre a comunidade e o lugar.

desenvolvimento da proposta, uma vez que não houve um engajamento satisfatório da população.

De acordo com o estudo, foi possível compreender que o envolvimento da comunidade torna o processo em si mais proveitoso e rico que o próprio resultado final. A experiência de estar em uma rede de colaboração, empenhados em prol de um bem comum, traz à tona o sentimento de pertencimento, afetividade e identidade com o espaço.

Como afirmam Cavalcanti e Elali (2011), a relação criada entre a pessoa e o espaço transformado consiste num processo de apropriação. O lugar, ao ser apropriado, é coberto de marcas e referências que constroem a noção de identidade. A partir do momento em que a população entende o espaço como seu, as vivências e os vínculos com o espaço são aprofundados.

Ainda sobre a importância da rede de colaboração, durante o processo também são criados vínculos identitários, simbólicos e afetivos, que, segundo Cavalcanti e Elali (2011) permitem construir o sentimento de pertencimento ao lugar, à capacidade de se apropriar e se vincular ao espaço.

A partir das transformações realizadas, outras iniciativas passaram a acontecer de forma espontânea nas proximidades das microintervenções, tanto em São Benedito, quanto em Itapuã. Isso mostra que as iniciativas tiveram um importante papel transformador para aquelas comunidades. A própria população passou a enxergar os espaços públicos de forma diferente, entendendo a importância da existência de espaços humanizados e qualificados para o convívio em comunidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção do espaço urbano da cidade contemporânea é um tema que carrega consigo questões relevantes e amplas possibilidades de discussão, pesquisa e aprofundamento. A partir dessa noção, esse trabalho buscou contribuir na compreensão sobre a relação fundamental entre as pessoas e os espaços públicos da cidade contemporânea, abordando alternativas de intervenção para transformação e qualificação desses espaços a partir de processos colaborativos.

A revisão bibliográfica revelou a importância da produção de espaços acolhedores que promovem vínculos positivos, despertam boas sensações e possuem simbologias capazes de criar experiências intensas no espaço público. Essa experiência é capaz de interferir positiva ou negativamente na qualidade de vida em meio urbano e, conseqüentemente, nas questões socioespaciais que dinamizam a cidade. Ao contrário, a cidade contemporânea oferece espaços inóspitos, incapazes de despertar qualquer tipo de sensação, escassos de simbologia ou qualquer traço de personalidade que promova identificação.

Como possibilidade de reverter esse cenário, o trabalho apresenta uma alternativa aos projetos urbanos convencionais: as microintervenções urbanas colaborativas, baseadas em conceitos como o Urbanismo Tático e o *Placemaking*, que têm como objetivo transformar os espaços por meio do desenho urbano aliado às práticas humanas de apropriação e interação social.

As práticas são desenvolvidas por meio de processos colaborativos, que, segundo a revisão bibliográfica, são fundamentais para garantir uma transformação democrática do espaço coletivo urbano. O envolvimento de diferentes atores sociais (sociedade civil, poder público, iniciativa privada e especialistas), com suas diferentes demandas, enriquece o processo devido às contribuições fundamentais de cada um desses.

Foram realizados dois estudos de casos nos municípios de Vila Velha e Vitória, estado do Espírito Santo, a fim de entender o cenário das microintervenções urbanas colaborativas, o envolvimento dos atores sociais e, principalmente, o papel social desses projetos.

A reflexão sobre a correlação entre as microintervenções e o contexto socioeconômico traz como cenário a recorrência das ações serem realizadas em bairros com baixa renda *per capita*, cuja a população já possui a cultura do engajamento em prol de melhorias coletivas. O município de Vitória se destaca pela quantidade de microintervenções e apresenta um cenário de intervenções realizadas por iniciativa da própria comunidade. Já no município de Vila Velha, as microintervenções mapeadas estão localizadas em bairros de alta renda e têm como característica a iniciativa vinda da empresa privada como contrapartida social.

Os contextos em que se inserem as microintervenções revelaram, ainda, a importância do engajamento comunitário em todas as fases do projeto. Constatou-se que em comunidades mais carentes a população se mobiliza com mais entusiasmo para realizar as próprias benfeitorias, enquanto em comunidades de classe mais alta, esse processo não é natural.

A partir das reflexões acerca dos estudos de caso, entende-se que o projeto de microintervenção cumpre o seu papel social quando há o envolvimento satisfatório, principalmente, de quem irá de fato vivenciar diariamente esses espaços, ou seja, a própria população local. A intervenção cumpre o seu papel quando consegue oferecer um espaço que gere identidade e pertencimento aos seus usuários.

Esse trabalho é parte de uma dissertação de mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Cidade e possui outros desdobramentos importantes para a discussão da produção do espaço urbano contemporâneo, tendo como objetivo dar visibilidade às novas possibilidades de transformação desses espaços.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, V.; LINKE, C. C. **Cidades de Pedestres**: a caminhabilidade no Brasil e no mundo. Rio de Janeiro: Babilônia Cultural Editorial, 2017.
- AUGÉ, M. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. São Paulo: Papyrus, 1994. 111 p.

- CAVALCANTE, S.; ELALI, G. A. (org.). **Temas básicos em Psicologia Ambiental**. Petrópolis: Vozes, 2011.
- CONEXÃO CULTURAL. **Guia do Espaço Público**. 2a edição. 2016. Disponível em: <https://www.mobilize.org.br/midias/pesquisas/guia-do-espaco-publico.pdf>. Acesso em: 11 jan. 2019.
- CYMBALISTA, R. São Paulo, microubanismos. *In*: CYMBALISTA, R; NOGUEIRA, J. **Guia de Microubanismos em São Paulo**. 2016. Disponível em: https://www.academia.edu/29786786/Guia_dos_Microubanismos_em_S%C3%A3o_Paulo. Acesso em: 30 set. 2018.
- DAGNINO, E. **Sociedade civil e espaços públicos no Brasil**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Censo Demográfico 2010. **Características da população e dos domicílios**: resultados do universo. Rio de Janeiro: IBGE, 2011.
- JACQUES, P. B. Microrresistências urbanas: por um urbanismo incorporado. *In*: ROSA, M. L. **Microplanejamento**: práticas urbanas criativas. São Paulo: Ed. de Cultura, 2011, p. 162-175.
- KOOLHAAS, R. **Três textos sobre cidade**. Barcelona: Gustavo Gili, 2014.
- LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.
- LYDON, M.; BARTMAN, D.; WOULDSTRA, R.; KHAWARZAD, A. Tactical Urbanism 1: Short-term Action for Long-term Change. **The Street Plans Collaborative**, 2011. Disponível em: https://issuu.com/streetplanscollaborative/docs/tactical_urbanism_vol.1. Acesso em: 30 set. 2018.
- NYGAARD, P. D. **Espaço da cidade, segurança urbana e participação popular**. Porto Alegre: Livraria do Arquiteto, 2010.
- PROJECT FOR PUBLIC SPACES (PPS). **What is Placemaking**. Disponível em: <https://www.pps.org/article/what-is-placemaking>. Acesso em: 30 set. 2018.
- ROSA, M. L. **Microplanejamento**: práticas urbanas criativas. São Paulo: Ed. de Cultura, 2011.
- SANTOS, C. N. F. dos. **A cidade como um jogo de cartas**. Niterói: Universidade Federal Fluminense: EDUFF; São Paulo: Projeto Editores, 1988. Disponível em: https://www.academia.edu/21048148/A_Cidade_como_um_Jogo_de_Cartas_SANTOS_Carlos_Nelson_F_dos_?auto=download. Acesso em: 7 jan. 2019.
- TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL, 1983.